



Carnaval - adeus à carne

Luis Felipe Nascimento

Eu adoro o Carnaval em Porto Alegre, pois a cidade fica vazia, tranquila e silenciosa. Tenho a sensação de que o Prefeito se enganou. E, em vez de entregar a chave da cidade para o Rei Momo, entregou para mim. Quando chego no supermercado, tem uma vaga reservada para mim. Retiraram todas as pessoas da fila para que a caixa possa me atender rapidamente. No cinema, posso escolher o lugar onde desejo sentar, parece que a sessão é especial para mim. Me sinto "o rei da cidade".

Mas também tenho muitas boas lembranças das festas de Carnaval. Quando criança, na minha cidade natal, existia a tradição do "Carnaval d'água". No dia e horário determinado, as pessoas saíam para a rua em caminhões com tonéis jogando água umas nas outras. E também "voavam" baldes de água pelas janelas das casas. Quem estava na rua era para se molhar. Obviamente que sempre tinha uma velhinha desavisada que saía na rua. E, claro, jogaram um balde d'água nela. Uma pessoa que chegou do interior, e que não sabia do tal "Carnaval d'água" e levou um banho. E assim por diante. Algum tempo depois, proibiram este "Carnaval d'água".

Quando adolescente, tive a oportunidade de, juntamente com meus primos, participar de blocos de Carnaval nas cidades de Tupanciretã, Santiago e também do bloco do Clube do Comércio em Porto Alegre. Os blocos percorriam os clubes da cidade. Alguns destes blocos tinham vida o ano todo. Ou seja, os seus integrantes se reuniam, faziam promoções ao longo do ano para juntar dinheiro para o Carnaval, era tudo muito organizado. Eles reuniam mais de uma centena de pessoas. Estas e outras cidades do interior tinham carnavais famosos, que atraíam o pessoal da capital e de cidades maiores.

Na época da Universidade, veio a fase de "viajar de mochila" pegando carona nas estradas, o que viabilizou que eu conhecesse os carnavais de Laguna, de Florianópolis, de Salvador e de Recife/Olinda. Tudo com pouca grana e muito apoio dos amigos, que abriam suas casas e nos recebiam. Não se sabia bem ao certo quem estava naquela casa, mas todo mundo achava um canto para dormir durante o dia. E uma aventura pela América do Sul me permitiu conhecer um pouco da história e as máscaras demoníacas do Carnaval de Oruro, na Bolívia.

O doutorado na Alemanha me levou para carnavais mais distantes. Tive

a oportunidade de conhecer os carnavais mais famosos da Alemanha, que são o de Colônia e de Mainz. Em outras oportunidades, conheci o estranho Carnaval da cidade suíça da Basiléia e o de Veneza. Na Europa, o Carnaval ocorre no final do inverno, mas ainda no frio. Na Alemanha, o Carnaval lembra o nosso desfile de 7 de setembro. As pessoas ficam ao longo das calçadas para ver o desfile dos foliões fantasiados, raramente se ouve o som de alguma bandinha. Lá também tem carros alegóricos, mas, em vez de gente sambando, em cima do carro tem alguém atirando balas e bombons para o público. Neste dia, tem garrafas e bêbados por todo canto, e é um dos poucos dias do ano em que se vê lixo pelas ruas.

O Carnaval, na Basiléia, começa às quatro horas da madrugada da terça-feira, quando se apagam as luzes do centro da cidade, tocam os sinos da catedral e surgem blocos de umas 20 a 30 pessoas, que mais parecem um pelotão de soldados, todas as pessoas estão maquiadas ou com máscaras, tocando tambores, flautas e pífaros, com lanternas coloridas na cabeça, iluminando o caminho por onde passam. O público caminha pelas ruas enquanto assiste aquele desfile desordenado de blocos que vêm de diferentes direções, surgindo de cada ruela estreita e escura.

Já o Carnaval de Veneza praticamente não tem música, com exceção de algum pequeno grupo tocando sax, flauta e bumbo. O forte do Carnaval de Veneza são as luxuosas fantasias e as lindas máscaras. As pessoas simplesmente se fantasiam e saem pelas ruas para ser admiradas e fotografadas. É o paraíso dos fotógrafos, pois não é necessário nem pedir licença, os "modelos" posam e ficam à sua disposição.

Eu imaginava que o Carnaval era uma festa brasileira, pois toda vez que alguém descobria que eu era brasileiro, logo dizia: "Brazil, Carnaval, football...". Fiquei frustrado, no dia em que descobri que a nossa maior festa popular já existia, no Egito, 4000 anos antes de Cristo. Há quem diga que o Carnaval teve origem em festas pagãs na antiga Roma. Antes do nascimento de Cristo se comemorava em Roma as "Saturnálias", festas em homenagem aos deus Saturno, que eram protegidas por Baco, deus do vinho.

Existem muitos aspectos do Carnaval que são pouco conhecidos. Por exemplo, a subversão social. Nas saturnálias e em outras comemorações que deram origem ao Carnaval, tudo se invertia, um prisioneiro era transformado em rei e o rei era humilhado frente a deus. Os homens se vestiam como mulheres, e as mulheres, como homens. Os escravos se colocavam nos lugares dos senhores, que assumiam o papel de escravos. A Igreja Católica não gostava desta subversão, e agiu para reenquadrar estas comemorações. A partir do século VIII, criou a Semana Santa e a Quaresma. Em outras palavras, o domingo de Páscoa ocorre após a primeira lua cheia do equinócio do outono (no hemisfério sul) e a terça-feira de Carnaval ocorre 47 dias antes da Páscoa. A terça-feira de Carnaval é conhecida como "terça-feira gorda" ("Mardi Gras" em francês, sinônimo de Carnaval).

O termo "Carnaval" teve origem no latim (carnis valles, ou "os prazeres da carne"). Portanto, se pode fazer muita festa até a "terça-feira gorda". Depois, vem a "quarta-feira de cinzas" – o primeiro dia da quaresma – que segundo a tradição, é um adeus à carne, pois se inicia o período de 40 dias, durante os quais se deveria ficar sem sexo e sem os demais prazeres da carne.

Quando os portugueses vieram para o Brasil, trouxeram a tradição do "Entrudo" (entrada da Quaresma), período em que as pessoas jogavam, umas nas outras, água, farinha, lama e até mesmo lixo. Depois vieram os carnavais dos salões, que reuniam, em salões, a elite e a classe emergente, deixando o povo fazendo as suas festas, nas ruas.

O Carnaval brasileiro não tinha um ritmo próprio. As brincadeiras eram acompanhadas de ritmos como a polca, as valsas, as quadrilhas, etc. Em 1899, Chiquinha Gonzaga compôs seu clássico "Ó abre alas", que é considerada a primeira marchinha para o Carnaval brasileiro. As marchinhas fizeram muito sucesso até serem sucedidas pelo samba, na década de 60. Os sambistas eram muito prestigiados e eram chamados de "professores". Os blocos de Carnaval que tinham "professores" passaram a se chamar de "escolas de samba".

O Carnaval se desenvolveu também em outras regiões do Brasil. No final do século XIX, surgiu, na Bahia, o Afoxé, um grupo de negros que saía cantando e dançando pelas ruas. O trio elétrico surgiu em 1950, com Dodô, Osmar e Temístocles, consagrando o Carnaval de rua. Na década de 1970, fizeram sucesso grupos como os Novos Baianos, o bloco "Ilê Aiyê" e os "Filhos de Gandhy". E a década de 1980 foi a vez dos grupos Camaleão, Eva e Olodum.

O Carnaval de rua é famoso também em cidades como Natal, Maceió, Olinda e Recife. Em Recife e Olinda existe a tradição dos desfiles de "bonecos gigantes". Ao som do ritmo chamado "Maracatu", com a percussão baseada em tambores, as pessoas representam reis, rainhas, cavaleiros, índios, etc. Já o Frevo, que predomina em Recife e Olinda, é um ritmo rápido, dançado com uma sombrinha colorida e que exige muita força nas pernas. É quase uma acrobacia. No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, continua forte a tradição do desfile das escolas de samba, mas me parece que o Carnaval, no interior, enfraqueceu significativamente. É como apenas mais um "feriadão" (um feriado prolongado): os gaúchos viajam para a praia, para a serra, para visitar amigos e familiares, mas não vejo animação com as festas de Carnaval do interior.

O Carnaval se tornou a festa mais popular do Brasil e entrou no Guinness Book, sendo que o Carnaval do Rio é o maior do mundo, e que o Galo da Madrugada, de Recife, é o maior bloco de Carnaval do mundo.

Também é Interessante observar que, durante os dias de carnaval, algumas pessoas fazem retiros espirituais, enquanto outras "caem na folia". Neste aspecto, o Carnaval continua reunindo o sagrado e o profano, de modo comparável ao de suas origens.

Depois de toda esta revisão dos meus velhos carnavais, me dei conta de que preciso incluir, no meu currículo, o Carnaval no Rio de Janeiro. Sou professor, e nunca saí numa escola de samba! Alguém aí é parceiro?